

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, A ATUAÇÃO DA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR-ALUNO EM SUA CONSTRUÇÃO

Rayna Valéria Maciel de Oliveira ¹

INTRODUÇÃO

O artigo que será dissertado apresenta um estudo sobre a atuação da relação afetiva entre professor-aluno na construção da aprendizagem significativa. Compreendendo o que é um aluno ativo, como que o conhecimento prévio pode ser abordado e utilizado em sala de aula e o quanto a afetividade permite criar um ambiente propício e seguro para os alunos se expressarem e aprenderem, participando de todo o processo, não assumindo a postura de mero espectador e o professor tomando uma conduta de mediador e não mais a ideia retrógrada de detentor único do conhecimento.

“(…) a educação é uma das instituições menos dinâmicas, ficando muito atrás da medicina, psicologia, política, meios de comunicação e outros elementos de nossa sociedade.” (FERGUSON, 1997, p 265). Transformar o ambiente de sala de aula, ainda é um desafio, principalmente por se tratar de um meio extremamente tradicionalista e até mesmo resistente, sendo necessário muito esforço de todas as partes desde a gestão, docentes a discentes, para a construção desse novo ambiente, que priorize as relações afetivas, motivadoras e de participação mútua de todos.

A afetividade permite que professor e aluno criem um vínculo afetivo, a partir dessa construção, o professor consegue então perceber como cada aluno é melhor estimulado para alcançar seu potencial, através da sua participação como ator principal. Um professor fomenta a criação de alunos ativos quando consegue aliar toda a bagagem que ele possa vir a trazer de sua realidade, cotidiano e história, estimulando-os através de questionamentos motivadores a buscarem nessa interação, meios de solução as problemáticas propostas.

¹ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA INTERCONTINENTAL- UTIC PY, rayna.oliveiraa@hotmail.com;



A educação “robotizada”, em que o professor toma a postura de dono do conhecimento, não é mais uma alternativa nos dias e realidade atuais, essa precisa ser um processo diferenciado em que o professor tome para si o papel de mediador e o aluno de partícipe principal da construção do seu conhecimento, ou seja, um aluno ativo.

Investigar a influência da relação afetiva entre professor-aluno na construção do conhecimento, vai além de entender o que é a afetividade no ambiente de sala de aula, mas como a sua utilização beneficia e estimula a criação de um ambiente seguro, estimulante e motivador para essa construção, através do corroborado pelos autores estudados.

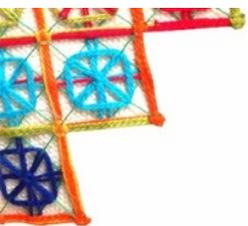
Objetiva-se nessa pesquisa a verificação da influência positiva da afetividade na relação professor-aluno, na construção da aprendizagem significativa, utilizando de aporte pesquisas bibliográficas de diversos autores estudiosos da temática que foram bases para a realização desta análise.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O projeto foi iniciado a partir do estudo de revisões bibliográficas sobre a temática, para a construção do embasamento teórico, após a revisão bibliográfica foi-se verificado as opiniões de diversos autores, tais como: Brito; Torres; Nunes, De Moraes; Borba e Spazziani; Jean Piaget, dentre outros, que auxiliaram a consolidar a ideia central desse estudo, principalmente no que se refere a necessidade do campo educacional ser mais humano e afetivo, e livrar-se das amarras do tradicionalismo e posturas estigmatizadas e arcaicas,— fato esse já defendido por diversos autores —, de modo a tornar a educação não só mais eficiente, mas principalmente transformadora da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atuação da relação afetiva entre professor-aluno na construção da aprendizagem significativa é muito mais que demonstrar afeição, ela constrói uma atmosfera diferenciada, favorável e oportuna ao desenvolvimento de alunos ativos, permitindo-lhes entenderem seu



papel de construtor do seu saber e vislumbrando na figura do professor seu papel de mediador.

“O nosso papel enquanto professores é de questionar, que é o que permite ao aluno buscar repostas que o satisfaça, não de dar respostas prontas, para que não ocorra uma acomodação cognitiva, para que o aluno se esforce para aprender, pois o mesmo está em um mundo em construção, dinâmico (...)” (BRITO, 2012, p. 1).

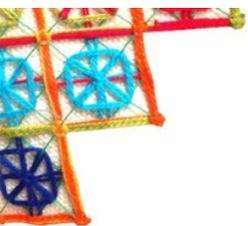
O professor necessita se enxergar como um intermediário e facilitador do processo de ensino-aprendizagem, levando o aluno a alcançar seu potencial, através de seus próprios esforços. O aluno apático que apenas é receptivo e não assimila e produz junto, não tem mais vez na realidade do mundo atual. O mundo pede cada vez mais por pessoas autônomas, ágeis e proativas.

(...) a relação afetiva entre professor e aluno traz elementos pertinentes para pensar no processo ensino-aprendizagem. É preciso que o docente traga metas claras e realistas para os educandos, levando-os a realizar atividades desafiadoras com vontade e satisfação. Com isso, a afetividade na educação constitui num importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde os anos iniciais, uma vez que, por meio dela, podemos compreender a razão do comportamento humano (NUNES, DE MORAES, 2019, p. 299).

A afetividade permite que professor e aluno criem um vínculo afetivo, vínculo esse que permite, principalmente, que o professor possa enxergar seus alunos individualmente em suas potencialidades e dificuldades. A relação afetiva na sala de aula humaniza o processo de educar, onde ambos os lados são vistos como seres humanos que estão fadados a ter dias bons e ruins e que isso deve ser levado em consideração também nesse momento.

Uma vez desenvolvida essa relação, é perceptível pelo docente como cada aluno pode ser estimulado, podendo assim facilitar o alcance de seu potencial, por meio de sua própria atuação. A construção de alunos ativos se dar quando o professor, reúne a bagagem que o aluno traz consigo, de sua família, comunidade, trabalho etc, incitando-o através de provocações motivadoras a buscar soluções através dessa interação.

Pautando-se sempre em entender e trazer à sala de aula, objetivos claros e possíveis de serem resolvidos por seu alunado, considerando faixa etária, realidade social,



desenvolvimento cognitivo, o quanto da ementa já foi desenvolvido em sala de aula, dentre outros. De acordo com Borba e Spazziani (2007 *apud* NUNES e DE MORAES, 2018, p 301) esse processo reflexivo organiza a dimensão afetiva do ser humano ao possibilitar a percepção de pertencer à realidade.

Quando o aluno consegue então construir suas próprias respostas e percebe que sua voz é ouvida e entendida, ele se sente cada vez mais incluído àquele momento, sentindo naquele espaço um local seguro para falar, ouvir, expressar suas opiniões e conseqüentemente que é a sala de aula um local seguro e motivador para que ele construa seu saber.

Segundo Wahbe ([20--], p. 4) nossos filhos, desde 1990, pertencem à chamada geração milênio, continuam em sintonia com nossas alucinações culturais de uma sociedade industrial fragmentada, linear e robotizante, ficando em desvantagem crônica para com os ditames da era da informação e/ ou do conhecimento. Uma educação que não seja pautada nesses estímulos, com professores mediadores e alunos ativos, faz-se cada vez mais distante das necessidades da realidade atual, a nova geração já está num mundo que cada vez mais precisa de pessoas autônomas e proativas, sendo necessário que esse processo formativo dê início desde as bases da educação, vencendo os paradigmas da “educação robotizada”.

“As estratégias utilizadas pelo professor não garantem o alcance dos objetivos da educação, para isso precisa se construir uma relação sadia com o aluno, evitando que o aluno apresente desinteresse e falta de motivação em aprender, logo, a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, é o que motiva e dá significado ao processo educativo.” (COSTA E MAYER, 2017, p. 35)

A construção da relação professor-aluno sempre será um desafio. O professor precisa conhecer a história de vida dos alunos, o ambiente em que o aluno está inserido e suas trajetórias. Fatores como: violência, falta de motivação e interesse dos alunos, indisciplina, falta de limites, problemas familiares e sociais influenciam diretamente e negativamente no desenvolvimento da criança.

Na teoria de Jean Piaget (1975), o desenvolvimento é considerado como tendo dois componentes: o afetivo e o cognitivo. Paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, está o afetivo. Segundo Amorin e Navarro (2012), os aspectos cognitivos e afetivo são inseparáveis e irredutíveis, ou seja, a afetividade seria uma energia que impulsiona o desenvolvimento



cognitivo. “Deveria ficar claro aos educadores que não basta ter um plano de aula bem estruturado e fundamentado, o processo de ensino-aprendizagem supõe a construção de relações de proximidade, respeito e significado, o professor deve ser insistente nesta busca mesmo sabendo que é difícil pelo contexto dos alunos” (COSTA E MAYER, 2017, p. 37).

Faz-se necessário termos o que Torres (2000, p. 148-149) destaca, para poder vislumbrar que, se quisermos “preparar sujeitos ativos, críticos, solidários e democráticos para uma sociedade [injusta] que queremos transformar (...)”, então é necessário que:

(...) as aulas e as instituições escolares se convertam num espaço onde essa mesma sociedade que nos rodeia e submetida à revisão crítica todos os dias e no qual se desenvolvam aquelas capacidades imprescindíveis a participação e melhoria da comunidade concreta e específica de que se faz parte. (Idem, p. 149).

Observa-se deste modo, que para a construção de alunos cada vez mais ativos faz-se imprescindível a utilização da relação afetiva entre professor-aluno, que abre as portas para construir uma sala de aula pautada na compreensão, acolhimento e estímulo a independência e crescimento, sendo um real transformador da sociedade, por formar seres cada vez mais capazes de serem críticos, analíticos e capazes de exprimir suas opiniões e construir seu saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível à necessidade que a educação seja transformadora, e quando se tem essa perspectiva das escolas enquanto instituições democráticas, dentro da realidade dinâmica e complexa de poder que é vivenciada no cotidiano social e escolar, encontram-se nas práticas educacionais que funcionam como entrave às desigualdades sociais e são construtoras de processos humanizadores baseados na afetividade, instrumento necessário para a evolução social.

Percebe-se que vencer as barreiras de um modelo educacional engessado e perpetuador de “fórmulas” antigas não é fácil, que muitos professores insistem em manter a postura de detentores do saber, colocando sempre seu alunado num patamar de certa submissão e simples aceitação, não os dando vez, nem voz.

Necessita-se que cada vez mais dissemine-se mudanças no campo educacional, trazendo aos professores a consciência da necessidade de diversificar seus modelos educacionais, podendo ser feito isso através da ministração de cursos e mudanças regimentais e gestoriais, por exemplo. Ao mesmo passo que é preciso incutir também nos discentes a sua missão na formação do seu conhecimento, constituindo-se o ensino-aprendizagem num



momento mais alinhado com as reais necessidades do mundo atual e de realmente transformar a realidade social desses. Fazendo com que eles se tornem seres mais críticos, que não apenas aceitam o que lhes é imposto “goela baixo”, não somente em sala de aula, como também em seu dever cívico, podendo refutar sua discordância racionalmente e embasadamente, com mais segurança.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa; Aluno ativo, Relação afetiva, Relação professor-aluno, Ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro de vida e jornada, Ulisses C. Barros B., por nunca soltar minha mão e voar junto comigo em busca de todos os meus sonhos, que são nossos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Camila Souza de. NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na Educação Infantil**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) n.º 7 p. 1 – 7, ISSN 1984-431X.

BRITO, R. M. C. **O professor, a aprendizagem significativa e a avaliação: base para o sucesso escolar do aluno**. Anais: ANPAE–2012 disponível em: <http://www.anpae.org.br/seminario/ANPAE2012/1comunicacao/Eixo03_38/Rosa%20Maria, v. 20, 2018>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MAYER, C. M., COSTA, D. A relação professor e aluno. Santa Catarina, Brasil: **Revista Maiêutica**. Vol. 5, nº 01, p. 35-41. ISSN: 2318-6593, 2017.

NUNES, A. F.; DE MORAES, J. C. P. **A relação professor-aluno: a importância da afetividade no contexto educativo na visão docente**. Pensar Acadêmico, v. 16, n. 2, p. 298-309, 2018.

PIAGET, Jean. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

TORRES, J. **Globalización e interdisciplinariedad: el curriculum integrado**. 4. ed. Madrid: Morata, 2000.

WAHBE, A. [20--]. **Crítica ao sistema educacional**. Disponível em:<http://www.geocities.ws/alexandrewahbe2/Artigos/CRITICA_AO_SISTEMA_EDUCACIONAL.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2020.